

Antes arte do que nunca...

Abel Sidney

antes arte do que nunca!
anunciou solene o poeta cá consigo
com receio de ser ouvido, o que lhe passou de soslaio
pela retina d'alma, que desconjuntada
na quadra daquele dia não andava tão arrumada
tanto quanto na noite anterior,
quando encontrara certas rimas
(pobres, mas que permitia naquele instante
dizer do que sentia)

e agora ao deslizar as penas da imaginação
entre tantas tramas e enredos de contos a escrever
pensava nada mais da poesia colher...

porém, eis que após a noite do outro dia
sem mais esperar por rimas, da garganta presa tudo se soltou:
como água de boa bica a escorrer solta pela pia

e no batismo de novas rimas na clara manhã do amanhecido dia
compulsivamente lá escrevia: prosa poética cheia de vida
pois que esta sim, era a sua sina

assim, em meio a esvoaçantes almas
de outros mundos, vidas que lhe sussurram ao ouvido
algumas apenas das palavras os fios, outras gritos aflitos

vai o poeta no seu rumo, não se importando com os muros
que por vezes se erguem, não como obstáculos,
mas como meio de livrá-lo dos tantos apuros
pois quem vive sem baliza, sem certas peias,
sem mesmo chicote no lombo,
como seguir firme na trilha?

a dor não mais o incomoda

colhe o que ainda não veio, tão nítido e claro
do que vai por caminhos abertos, no mapa do destino
tesouros a descobrir, já com endereço marcado, certo:
depois da esquina, tome à esquerda
e depois da árvore tombada, o portão é o terceiro...

ele já sabe que chegou lá e a estrada a percorrer
está toda demarcada, esperando como menino
a ligar os pontos da figura desconhecida,
numerada, a se formar.

– e cá entre nós, embora nem ele acredite
ele (e seu tesouro, arca imensa) já estão cá.
Não há mais o que esperar...

ao Affonso Romano de Sant'Anna

Obra original disponível em:

<http://www.overmundo.com.br/banco/antes-arte-do-que-nunca-1>